

GEOMETRIA E O DIVINO: UM ENSAIO SOBRE A ARTICULAÇÃO ENTRE CONHECIMENTO E IMAGEM MEDIEVAL

Felipe Vieira Frazão Silva¹

O presente trabalho busca construir algumas hipóteses sobre os possíveis sentidos propostos pela figuração da forma geométrica na imagem gótica, sob a forma posta por um estudo de caso manifesto como objeto de análise. Na investida das nossas investigações admite-se o entendimento que nenhuma das conclusões são determinantes, mas sim, se somam de maneira escalar e dialética, compondo os seus mais diversos desdobramentos e não buscam edificar nenhuma teoria essencialmente formalizante.

Ao observarmos o folio 15 do manuscrito do século XIV *Ci nous dit* – que possui este nome dado a frequência que se introduz o seu diverso conteúdo textual, e não por uma nomenclatura dada por um título veiculado pelo próprio manuscrito – nos deparamos com figuração da cena de circuncisão de Cristo. A centralização da ação na imagem é clara, porém, ao lado esquerdo da imagem está uma das figurações que alimentaram a discussão da historiografia especializada sobre o manuscrito – como é o caso da obra publicada em 2011, sob a organização de Christian Heck, *L'image médiévale et la culture des laïcs au XIVe siècle: les enluminures du manuscrit de Chantilly* (HECK, 2011). Nesse espaço se identifica uma forma geométrica, um triângulo, que irrompe, transgredindo a simetria posta pelo cenário que conta com dois sacerdotes de cada lado, do suporte que repousa o Cristo. O elemento conector, a articulação entre a imolação e a forma geométrica, se dá por uma figura que reforça o desequilíbrio da imagem: uma ligadura que é estabelecida pelo ato de direcionar os olhos as linhas que definem a forma geométrica é parte da tese que identifica esse momento como a associação entre a pedra angular (HECK, 2011, pág.91) e a confirmação da *quididade* messiânica do menino, do elemento sacrificante, que está constituído na imagem da circuncisão, e que encontrará na sua apoteose especular a esse momento o fim de sua narrativa.

A despeito das inúmeras considerações descritivas que poderiam ser tecidas sobre o objeto em questão, é possível perceber o suscitar de maneira ainda mais estridente, um traçado que determina a forma tão simples que enfatiza o indeterminado; a utilização a forma geométrica, em um arco alegórico-analógico incomumente intenso aplicado na imagem gótica², que se aproxima no traçar dos acidentes sensíveis da matéria – ou a interpelação mimética vinculada a esta, realizada pelo fluxo de intencionalidade dos artistas e comitentes. Vemos aqui a imagem aplicada a um espaço operacional que se utiliza da alegoria como um elemento maior preponderância, mais próximo de manifestações imagéticas mais recuadas no tempo, como

¹ Graduando em História pela Universidade de São Paulo.

² Como vemos em muitas produções, a qualidade mimética dos objetos pertencentes na imagem medieval é posta, assim como propõe Pierre Francastel (FRANCASTEL, 1992, pág. 137), como “distinta de duas aparências” mais ligados a “processos mnemotéticos”. A despeito das problemáticas advindas das questões que podem eclodir dessas afirmações, vemos no Gótico do século XIV já uma possível valorização da mimesis na dimensão da *ymago* medieval.

as românicas. Dessa maneira, nos utilizaremos das operações da inter-relação entre os elementos da imagem, relacionando-a com o cenário intelectual do período; já que o *artifex* e o copista, homens letrados, comumente participavam desse contexto. Evitando o curto circuito vazio que pode ser realizado entre os intelectuais e a produção de manuscritos, a imagem aqui deve ser posta aqui não como espaço dedicado a necessária representação, ou a mobilização de significantes que determinam um repertório cristalizado, mas sim na imagem, assim como define Jacques Rancière (RANCIÈRE, 2003, pág. 13), enquanto operação.

Os textos neoplatônicos, de autores como Plotino e Ovídeo, consideram o universo organizado por uma estratificação trina em camadas postas pela composição que encontrava a sua elevação máxima, ocupada pelas ideias etéreas, a mais baixa, que copava o mundo natural e o elemento do meio, composto pelas formas matemáticas e seus entes – e lê-se aqui, como formas matemáticas como formas geométricas (ZAITSEV, 1999).³ Assim, encontramos, no interior da formulação neoplatônica, corrente que conduz a transmissão um dos arcabouços epistemológicos de extrema relevância, e de larga adoção, durante todo o período, coloca a geometria em um espaço médio entre os dois descritos. O vocabulário latino atrelado a palavra *medium* não é posto apenas no domínio das determinações espaciais, um elemento de postulação do que está delimitado, mas também tem efeito do de transmitir a mediação entre espaços. A primeira hipótese aqui tecida para a figuração em imagem da forma geométrica referente a univocidade eterna em um espaço médio, entre a carne frágil e a existência absoluta, posta pelo triangulo a sua forma mais elementar. Dessa maneira, este momento reforça o Cristo quanto na sua relação com o Deus encarnado, substancialmente enformado, modula o lugar onde o Criador se encontra no corpo da criação.

A medialização posta pela forma corpórea, que não se dá como abstração tão profunda, se manifesta como elemento passível a ser captado pelo aparelho cognitivo do receptor, é parte de uma dialética que se dá dentro dos elementos que compõem a própria imagem: a forma é algo da contemplação dupla, não apenas pelo leitor do livro, mas também pelos elementos que são figurados realizando ações no interior da própria imagem. A observação da forma geométrica, realizada por um dos componentes dos componentes da cerimônia, é responsável por criar um dispositivo que a coloca em evidência, na função de edificar um distúrbio consciente, uma fratura formal que na disposição dos componentes do processo figurado. Esse é mais um componente crucial do compendio vinculado a uma *topoi* organizadora da geometria medieval: a associação à “demonstração”. A *Demonstracio*, no seu sentido medieval, não é uma operação de um produto dedutivo, uma relação direta realizada pelo sequenciamento lógico de fatores em comum a uma expressão,

³ A circulação desses textos, tal qual a sua frequência, encontrava, durante o século XIV, uma determinada cristalização. Essa tradição textual, em substancialmente medieval, pode ser alocada desde o dito *renascimento carolíngio* que foi responsável pela compilação desses textos, passando por momentos como o da tradução de Boécio dos *Elementos* de Euclides (GILSON, 2001, pág. 195 – 200), passando pelo movimento da mnemotética durante o século XII, que é responsável pela revisão desses textos e pela tradução de suas versões em língua árabe, até a consolidação da escolástica, posta de maneira mais saliente durante o século XIII um contingente de intelectuais que constituiriam os seus maiores expoentes – dentre eles Tomás de Aquino .

mas sim, o que encontramos em *Geometria I*⁴, um procedimento relacionado a praticidade colocada pela circunscrição de um limite. O apontamento da função da imagem geométrica pode ser dado aqui, com a vinda do messias, e na sua *figura* – no sentido Auerbachiano – de um mártir definitivo, na definição que modula a passagem dos testamentos, no estabelecimento do Salvador, e por consequência, da cristandade em si.

Assim como coloca John Duns Scotus (1266 – 1308), a posição da geometria é essencialmente relacional, ligada às suas teorias sobre óptica é por meio da operação comparativa elaborada com as imagens que gesta a geometria e a imagem do mundo sensível, que vemos a imbricação capaz de descrever esse mundo de acidentes a partir de *eidos* flexível, pois não está ligada diretamente ao problema da existência dos objetos (LAGERLUND, 2011, pág. 636). Á esse arcabouço formulaico se estabelece a uma relação hermenêutica, que busca a compreensão do mundo por meio de sua apreensão essencial: uma redução. Assim, a redução sendo um processo ontológico organiza, por meio dessa operação formal de comparação, a organização de uma ontologia das formas, na comparação do indivíduo – hipostasiando pelo o corpo do Cristo – e o todo – a noção de *universaliza*. Essa relação entre o particular e o todo, é componente fundamental da força da ontologia nas acepções medievais da filosofia antiga, que um se se mostra receptáculo efetivo para realizações como a própria prova ontológica da existência divina de Anselmo (1033 – 1109), uma das teses fulcrais para filosofia medieval.

A operação disposta pela comparação, realizada pela interpolação do olhar, de sons ou da escrita, que dispõe um esquema de modalizações esquemáticas, como é o caso do quiasma possui raízes profundas e frequentes nas formulações medievais, tanto nas suas manifestações em imagem quanto nos textos. O que vemos no expediente de um observador que olha para forma geométrica, que se mostra como *figuração* articulada pelo próprio sacerdote judeu e que medializa o contato com o divino encarnado, é nesse sentido, um quiasma constituído pelos significantes e observadores. No interior da *decus* que viabiliza o quiasma enquanto operação vemos, além de ser o *chi* a primeira letra da palavra em questão e também a primeira em Cristo na sua variante em língua grega, há uma afinidade direta para com a letra X em latim e o formato da cruz. É comum também encontrarmos o padrão quiasmático nas construções das metáforas e elaboração de ensinamentos moralizantes nas obras de autores como Boécio, Anselmo e Dante – como mostra o trabalho de Robert MacMahon (MACMAHON, 2006). O procedimento que envolve o quiasma nesses autores segue a influência neoplatônica medieval, descreve o regime operativo A B B A, também pode ser visto como parte de um ciclo, tal qual as órbitas delimitadas pela racionalidade do demiurgo. Como um ciclo, a alegoria que poderia ser aplicada neste caso versaria sobre uma possível dispersão e retorno, criação, queda e salvação, em um movimento cíclico que, a partir das Sagradas Escrituras, se torna previsível. O ciclo, cuja sugestão formal sugere círculo em si, também age sobre um arcabouço que comumente é atrelado à

⁴ Composto fragmentário de 26 manuscritos que romanos que compunham a sobrevivência medieval da obra romana *Corpus agrimensorum Romaum* (ZAITSEV, 1999, pág. 4).

perfeição divina, como é posto por Ovídio, mais um expoente do neoplatonismo cristão cuja produção era de grande circulação nos meios intelectuais medievais.

Nesse sentido o quiasma aparece aqui como um recurso formuláico procedural que se opera não somente na disposição intra-imagem, mas também, em uma relação dialética com o observador, em um procedimento que não o aliena da imagem, mas o internaliza em seu funcionamento. A esse movimento de cruzar-se com o olhar, da imagem que olha para si mesma, e para olho espectador meio pelo é atingido por ela vemos um processo comum, um veiculador de um conflito de olhares. O conflito, presente em nosso estudo de caso, então é agenciado não somente pela imagem que remete diretamente a um eixo signico diretamente acessível por meio de seus significantes; como seria o caso do triângulo que seria descrito apenas como forma geométrica, no interior de geomatismos buscam a forma pura. Mas aqui o triângulo tem, na sua forma, um desvio paláxico que conta com a visão do autor para que seja consolidado, ele será a *mídia* ontológica, prova do messianismo real frente aos descrentes, frente ao imolador que prefigura a execução do martírio que marca a finalidade do novo testamento, na cena com o presente sacrificante sagrado sustenta o início e todo da trajetória do Salvador infante.

A partir da operação quiasmática, no núcleo da heurística ontológica, modulada pela geometria, se busca aqui a primazia da exposição de um trajeto superlativo em direção à confirmação do Cristo enquanto messias, na confecção efetiva de uma imagem que a não apenas representa, mas operacionaliza uma legitimação da divindade do corpo crístico. O que as gera, ao contrário, é apenas uma ação hipostática, onde o todo se insere no particular, mas do particular que se desdobra para todo, em uma ação que nos revela, neste estudo de caso, uma possível face de uma cognição medieval que se deixa revelar por meio das imagens.



Figura 1: A circuncisão de Cristo e a Pedra Angular ms 26, fol.15v

Referências Bibliográficas:

FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

GILSON, Etinne. *A filosofia da Idade Média* Gilson. São Paulo: Martins Fontes, 2013

HERCK Christian (Org.). *Le Ci nous dit. L'image médiévale et la culture des laïcs au xive siècle: les enluminures du manuscrit de Chantilly*. Turnhout : Brepols, 2012.

LAGERLUND, Henrik (Org.). *Encyclopedia of Medieval Philosophy: philosophy between 500 and 1500*. Londres: Springer, 2011.

McMAHON, Robert. *Understanding the medieval meditative ascent : Augustine, Anselm, Boethius, and Dante*. The Catholic University of America Press: Washington, D.C. 2006.

ZAITSEV, Evgeny A. “The Meaning of Early Medieval Geometry: From Euclid and Surveyors' Manuals to Christian Philosophy”. *Isis*, Vol. 90, No. 3, p. 522-553, 1999.